

## MURILO MENDES: UM NOVO PROMETEU

Andréa da S. B. Veloso \*

### RESUMO:

Este trabalho procura reunir leituras de alguns poemas escolhidos de Murilo Mendes. Objetivou-se dar enfoque à identidade prometeica do poeta. Para tanto, analisaram-se poemas sob a luz dos pilares míticos e religiosos, a partir da ótica do próprio Murilo. Nesse ínterim, estudou-se a gênese do mito como um todo e, principalmente, a gênese do mito de Prometeu, a fim de que se pudesse estabelecer um elo entre ambos. Conclui-se que o homem e poeta Murilo Mendes pode e deve ser visto como um homem prometeico.

### ABSTRACT:

This work seeks to unite readings of some of the selected poems of Murilo Mendes. It aims at showing the Promethean identity of the poet. To this end, analyses are made of the poems in the light of the mythical and religious aspects from the point of view of Murilo himself. As a help, the geneeses of myth in general and of the myth of Prometheus in particular are explored in order to establish the connection between the two. The work concludes that the man and poet Murilo Mendes can be seen as a Promethean.

## INTRODUÇÃO

Estudar as poesias de Murilo Mendes sob a ótica mítica é, verdadeiramente, instigante, porque desperta a curiosidade e a capacidade de ver o que há de mais subjetivo, aquilo que está nas entrelinhas das poesias, no espaço em branco deixado propositadamente na disposição do corpo do texto. É preciso ter o “olho armado”, para compreender, para captar, para se ter a sensibilidade desejada ao ler poesias seja de que poeta for, mas é indispensável toda essa preparação, principalmente, quando se trata de Murilo Mendes e, é por isso, que este tópico iniciar-se-á com explicações rápidas e objetivas sobre o mito, a fim de que se possa estabelecer uma ponte para relacionar a busca da totalidade do homem através da religião. Mas podem vir a surgir questões tais como: o que tem a ver mito com religião? São coisas que se aproximam ou não?

---

\* A autora deste artigo pertence ao corpo docente da UFJF, porém alcançou o grau de Mestre na Instituição CES/Academia - JF. Tendo este trabalho sido parte de sua defesa de dissertação.

No decorrer do texto e das demonstrações através das próprias poesias de Murilo Mendes, tentar-se-á responder questões desse porte.

Importante, primeiro, restabelecer conceitos de pontos essenciais sobre o aspecto mítico. Ao que parece, a palavra mito procede de uma raiz indo-européia: *mau* ou *mou*; o verbo *mythizo* significa: falar, discorrer, pensar. (GRASSI:1975:124) Paul Tillich, por exemplo, propõe a seguinte: “uma manifestação da suprema preocupação do gênero humano, representada simbolicamente em personagens e atos divinos.” Mitos, conclui ele, “são símbolos da fé associados a lendas, os quais falam dos encontros dos deuses entre si e dos deuses com os homens.” (TILLICH:1974:35).

Existem outras abordagens sobre o mito e uma delas, de ordem antropológica, explica que os mitos não passam de “projeções da vida social do homem mediante as quais a natureza se torna a imagem do mundo social”, refletindo-lhe todos os “traços fundamentais, a organização e a arquitetura, as divisões e subdivisões.” (ELIADE:1968:18-9).

Ao que acrescenta: o verdadeiro substrato do mito não é o pensamento, mas o sentimento. Citemos outro texto, que merece cuidadosa ponderação, uma vez que o autor figura entre os melhores estudiosos do mito na atualidade: Rudolf Bultmann, que nos situa de modo claro sua opinião:

o mito pretende falar de uma realidade que se situa além da realidade objetivável, observável e dominável, de uma realidade que possui, para o homem, uma importância decisiva, que significa para ele a salvação ou a perdição, a graça ou a cólera, que exige respeito e obediência. (BULTMANN: 1969)

A partir dessas conceituações, deve-se resumir o mito, de modo objetivo, a fim de que possamos identificar essas características em Murilo:

a) o mito relaciona-se com algo essencial ao homem, sua necessidade de *tornar inteligível* sua existência ao universo que o circunda;

b) semelhante necessidade de compreensão precisa *manifestar-se*, ou seja, encarna-se numa expressão não conceitual, em que as imagens se coordenam formando um todo lógico, ou antes, metalógico;

c) a última base do mito parece ser a convicção de que o homem é solidário de todas as coisas, ou, ao menos, *solidário da vida*. (CASSIRER:1968:143)

E é no poema “Novíssimo Prometeu”, que o poeta nos dá uma idéia clara sobre o principal tema deste capítulo daqui em diante. Para tanto, compreende-se o mito de Prometeu como um marco inicial de análise na *viagem interior*, que leva o homem à busca da totalidade, à perfeição ou, pelo menos, à parte dela.

## 1. MURILO MENDES: O PROMETEU DA MODERNIDADE

Mediante as considerações do tópico anterior, temos em Murilo Mendes tanto quanto em Ésquilo, um homem de moral e fé, apaixonadamente ligado à idéia da coincidência entre justiça e ordem divina. Convém, entretanto, respeitar a justa medida e a harmonia: o grande erro dos deuses, como também dos “efêmeros”, consiste na **hýbris**, na falta de medida que leva cada um a ultrapassar seus direitos.

### NOVÍSSIMO PROMETEU

Eu quis acender o espírito da vida,

Quis refundir meu próprio molde,

Quis conhecer a verdade dos seres, dos elementos;

Me rebelei contra Deus,  
Contra o papa, os banqueiros, a escola antiga,  
Contra minha família, contra meu amor,  
Depois contra o trabalho,  
Depois contra a preguiça,  
Depois contra mim mesmo,  
Contra minhas três dimensões:  
  
Então o ditador do mundo  
Mandou me prender no pão – de – açúcar:  
Vem esquadrrias de aviões  
Bicar meu pobre fígado.  
Vomito bílis em quantidade,  
Contemplo lá embaixo as filhas do mar  
Vestidas de maiô, cantando sambas,  
Vejo madrugadas e tardes nascerem.  
- Pureza e simplicidade da vida! –  
Mas não posso pedir perdão.

(PCP: 1995: 237-38)

Importante ressaltar que há outra conotação possível e mais moderna em relação ao mito de Prometeu, referência direta à obra que imortalizou Mary Shelley no cenário literário, cujo subtítulo é homônimo ao clássico mítico: **Frankenstein: o novíssimo Prometeu**, obra que trata de aspectos variados, entre os quais a busca de si mesmo, a origem, o religar com o criador, entre outros pontos. Obviamente, que o poeta ao intitular seu poema fosse em relação ao mito clássico

diretamente fosse ao clássico de Shelley, estava buscando nas raízes mais longínquas o seu significado.

O poema começa com o uso do pronome em primeira pessoa do singular “eu”, estabelece-se, aqui, a interação do *ego* com o desenvolver da idéia central. O “eu” poético busca o / *espírito da vida* /, o que vale dizer a gênese. Mas a partir disso levantam-se questões relevantes: Procura do início de quê ou quem? A vida a que se refere é a vida como um todo ou somente a vida dele?

Já no segundo verso o “eu” poético remete a criação como uma atitude artística ao usar o verbo *refundir* que dá idéia de fundir de novo o / *próprio molde* /, como se estivesse se referindo a uma escultura por exemplo de estanho, bronze ou qualquer outro metal (materiais que podem ser fundidos). Ao utilizar o pronome possessivo *meu*, o “eu” poético expressa-se como parte do Criador / *meu próprio molde* /: imagem e semelhança. Estabelece-se a partir do terceiro verso o jogo do duplo, em que o “eu” assume, também, o papel da criatura / *quis conhecer a verdade dos seres, dos elementos* /: a busca da compreensão dos fatos da vida – aspectos vastamente estudados pela filosofia.

Do quarto ao sétimo verso, o “eu” expressa através do sentimento de rebeldia, o que sente o poeta na realidade enquanto homem. Como por exemplo, as situações da época – o livro **O visionário**, no qual está inserido o poema, foi escrito entre os anos de 1930 e 1933 – momento em que o mundo estava em crise, o Brasil passando por uma revolução política e social. Havia motivos para expressões como / *papa* / – relação direta com a Instituição Católica, que fora alvo de críticas, questionamentos e observações de todo porte. Quanto a / *banqueiros* /, o poeta refere-se à crise de 1929 da bolsa de New York; já em / *escola antiga* /, o poeta deixa claro o romper das tradições e o desejo de estabelecer o novo. Neste trecho em particular, nos presenteia com uma espécie de prévia do que vinha pela frente em seus poemas.

Outros temas, também, ressaltados como família, trabalho, amor são temas freqüentes e igualmente observados atentamente pelo *olho armado* de Murilo Mendes.

Mas é nos dois últimos versos ainda da primeira estrofe, que o poeta chega ao ápice: / *Depois contra mim mesmo /; / Depois contra minhas três dimensões /*. Rebelar-se contra si mesmo expressa uma indignação absolutamente problemática, porque neste ato estava contida a indignação do estado de inércia ou de impotência mediante os problemas que o cercavam e colocavam em *xequê-mate* à condição trina do homem comum e imortal: corpo, mente, espírito. Bem como à condição trina da divindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, uma vez que também faz parte do elemento divino.

A situação é bem mais complexa do que parece ser, pois assim como Prometeu - que foi culpado por ter dado o fogo aos homens, quando Zeus, que se transformaria na principal das divindades, pretendeu, por capricho, exterminá-los – e foi acorrentado e pregado num dos picos mais elevados do Cáucaso (um mártir abatido por uma injusta divindade), no poema de Murilo representado pelo /*Ditador do mundo*/, a segunda estrofe já traz um sentido do “homem prometeico, pois que o “eu” se expressa na condição de ser um Prometeu com características bem nacionais: o Cáucaso foi modificado para o / *pão-de-açúcar*/; a águia pelas *esquadrias de aviões*/; as oceânidas que compunham o coro pelas *filhas do mar vestidas de maiô, cantando sambas*/. A passagem do tempo foi marcada pela imagem belíssima do / *vejo as madrugadas e tardes nascerem* /.

O desfecho do poema merece um destaque, pois além de inesperado em relação ao diálogo estabelecido com o mito, traz, também, uma mensagem objetiva da simplicidade da vida. Inesperado, porque na história do mito, Zeus liberta o titã em troca do segredo, que somente Prometeu sabia (Destino havia decretado que um dos filhos de Zeus viria, um dia, a destroná-lo e

a expulsar os deuses do Olimpo. Prometeu era o único a saber quem seria a mãe de tal filho) No desfecho muriliano, o “eu” se recusa a pedir perdão pela sua rebeldia e desobediência da norma estabelecida: a tradição e, por isso, permanece preso.

O uso da conjunção adversativa *mas* no último verso vem demonstrar que o poeta compreende a */pureza e a simplicidade da vida/*, porém sabe que não faz parte dela, porque na realidade o homem ainda não tem a capacidade de simplificá-la e, por isso, é tão complexa, repleta de mistérios indissolúveis, de mitos e lendas... E que por ser comum e mortal não pode mudar a ordem das coisas – daí a indignação.

O poeta faz o leitor refletir sobre a vida de forma ampla; mesmo o poema tendo sido escrito na década de 30, ainda hoje pode-se transportá-lo para o nosso cotidiano. Pode-se indagar sobre quem são os ditadores do mundo ou sobre quem nos acorrenta nos picos de nossas vidas? Quem são aqueles que *bicam o fígado/* minando nossa vontade de viver? Como e quando devemos nos rebelar contra tudo e todos? E contra nós mesmos?

Enfim, se somos, e somos parte de tudo o que há, parte integrante do Universo, devemos ser ‘prometeus’ da/na vida, rebelando-nos contra as injustiças, procurando dar àqueles de pouca fé a esperança do porvir, que trará a luz da sabedoria para os que vivem nas trevas da ignorância, assim como estabeleceu Platão na sua lenda da caverna, colocando um freio nos detentores do poder – as divindades – que pensam estar acima do bem e do mal.

## **2. O PROMETEU TRANSFIGURADO**

Na sua obra de estréia, Poemas, que veio a público em 1930, já se notavam alguns traços que iriam marcar sua poesia futura: a dilaceração do eu em conflito, a presença constante de

metáforas e símbolos, a inclinação ao Surrealismo e os contrastes abstrato/concreto, lucidez/delírio, realidade/mito.

Murilo Mendes concilia a poesia religiosa com as contradições do *eu*, com a preocupação social e com o sobrenatural Surrealista. Assim, cria um novo conceito de religiosidade, unindo à arte e à vida erotismo, democracia e socialismo. Em sua concepção religiosa, encontraremos elementos contrastantes tais como: *finito/infinito*, *visível/invisível*, *matéria/espírito*, que não se excluem.

Outra característica das poesias murilianas são os versos livres, que trouxeram a liberdade de pontuação e a superação da linguagem linear, sem desprezar, de modo algum, as conquistas formais da primeira fase modernista. Coexistem, entretanto, poemas quase prosaicos, outros, ainda, com formas fixas ou então com rimas. A liberdade formal da poesia de Murilo admite as oposições, tais como em:

#### PIRÂMIDE

Sozinho no monumento dos séculos

Consulto meu cérebro

Eu sou tudo o que foi, que é e que sempre será.

Da minha cabeça a vida sai armada

Todas as coisas pensam em mim por mim contra mim

Meus olhos convergem para todas as coisas

Que de todos os lados convergem para mim

Personagem de enigma

Assisto as idades desfilarem

Bebo a vida e a morte ao mesmo tempo

Personagem enigma



Sou eu quem segura a água a terra o fogo e o ar

Julgando tudo e todos eu me julgarei.

(PCP:1995:265)

Percebem-se nitidamente as características já mencionadas anteriormente. A falta de pontuação, no caso, a supressão de vírgulas para separar substantivos: água, terra, fogo, ar (verso 12) e para separar as gradações ou explicações: em /por mim contra mim/ (verso 5). As oposições, também, se fazem presentes: vida *versus* morte, água *versus* fogo, terra *versus* ar (verso 10). Há, ainda, o uso de versos repetidos / Personagem enigma/ (versos 8 e 11), para exprimir a condição do poeta reverberada no último verso do poema: / Julgando tudo e todos eu me julgarei/ (verso 3), no qual o poeta usa subjetivamente a imagem do espelho, pois que “julgando tudo e todos” ele mesmo se julgará, o que quer demonstrar duas possíveis interpretações: a primeira, que o poeta vive na macro – estrutura da vida: em tudo o que há e, a segunda, que o poeta vê-se em tudo e parte de todos. E, a partir desse sentimento de ser parte integrante de tudo o que existe, é que as poesias de Murilo revelam a possibilidade de releituras *intimistas*, muitas das quais estão voltadas para a espiritualidade, direcionando as poesias para uma expectativa de reencontro com a Criação e com o Criador, enfim, em busca de si mesmo.

### **3. O ENGAJAMENTO DA PERSONALIDADE PROMETEICA DE MURILO MENDES NA POESIA RELIGIOSA**

A conversão de Murilo Mendes ao catolicismo adquiriu caráter público, a partir do instante em que o próprio poeta escreveu sobre o assunto e, principalmente, a respeito de sua concepção de poesia dentro da perspectiva de sua adesão à fé católica. Após a morte de Ismael Nery, Murilo publicou um artigo “Ismael Nery, poeta essencialista”, no qual prestava uma enfática declaração, deixando clara a concordância com os princípios católicos, que foram as premissas básicas nas concepções estéticas de Ismael Nery, apresentado no sistema denominado Essencialismo, criado pelo próprio artista, que buscava a essência de todas as coisas.

Antônio Cândido, no artigo “A revolução de 1930 e a cultura” também expõe de forma breve a situação:

Naquela altura o catolicismo se tornou uma fé renovada, um estado de espírito e uma dimensão estética. “Deus está na moda”, disse com razão André Gide em relação ao que ocorria na França e era verdade também para o Brasil. Os anos de 1930 viram frutificar as sementes lançadas por Jackson de Figueiredo no decênio anterior, com a fundação da revista **Ordem** (1921), do Centro Dom Vital (1922) e a Ação Católica, feita para suscitar a militância dos leigos, e da mesma época são as primeiras Equipes Sociais, inspiradas pelo professor e crítico francês Robert Garric, que orientou o trabalho dessas missões leigas nas favelas do Rio de Janeiro. (CÂNDIDO: 1987:188)

É dentro desse panorama que se situa a conversão de Murilo Mendes, cuja intensidade pode ser vista, por exemplo, em um texto destinado à **Folha Carioca**, por trazer indicação à frente e, que por certo destinado ao artigo do jornal, em que está clara a posição religiosa do poeta. Segue trecho do manuscrito que está preservado no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa:

Considero de maior importância uma ação de conjunto dos católicos – dos cristãos em geral – para que se enfrente e se procure solucionar os grandes problemas do nosso tempo. O que se passou nos últimos séculos é um escândalo formidável, um insulto ao Coração do Cristo amigo do homem, amigo do povo.

Não adianta rezar milhares de ladainhas ao Coração de Jesus, e deixar de socorrer os pobres e oprimidos. Isto não é heresia, é rigorosa afirmação evangélica, tomista e pontifícia. O maior agravo ao Cristo é o que se faz aos pobres e necessitados. Urge a adoção de um vasto plano social, para que nunca mais se confunda a caridade evangélica com a farisaica filantropia burguesa. O coração de Jesus está cansado de receber insultos na pessoa dos seus amigos prediletos – os pobres. Elevemos os pobres à sua dignidade natural; não os rebaixemos com uma esmola atirada por egoísmo e até com desprezo. Ação social e ação individual também. Sejam os primeiros em todos os setores do grupo social. Trabalhem por uma comunidade de homens livres. Trabalhem para que a estrutura econômica não se oponha ao método de libertação evangélica.<sup>1</sup>

O texto começa por explicitar o ideário de Murilo Mendes sobre o agir coletivo “uma ação de conjunto dos católicos – dos cristãos em geral”. Poder-se-á dizer que tal expressão traz no seu bojo uma relação direta com o ideário prometeico, visto que ambos visam o bem estar da humanidade. Todo o texto segue uma linha de conduta coerente com esse pensamento, uma vez que o poeta reflete e leva o leitor a refletir sobre o papel do cristão na sociedade em que este vive: “urge a adoção de um vasto plano social, [...] Elevemos os pobres a sua dignidade natural; não os rebaixemos com uma esmola atirada por egoísmo e até com desprezo”. Percebe-se, então, a postura de convocação do cristão a um esforço em prol da humanidade.

A religião em Murilo, pode ser vista como um fator preponderante na solidificação da sua personalidade prometeica, porque acreditava ele ser a religião um meio de se conquistar o *paraíso* – no sentido de bem viver, de paz, de comunhão com algo Superior.

A visão do poeta era mais ampla que a de um simples homem religioso. Ele lia teólogos e místicos, mas a tradição em que se inseria não era, evidentemente, autoritária e triunfalista. O que tinha em mente era um catolicismo social, como demonstram suas declarações, que explicitavam

---

<sup>1</sup> Este texto é reprodução do libreto da Casa Fundação Rui Barbosa, no qual não consta a seção de catalogação.

sua posição: “pelas possibilidades de sua (do Cristianismo) aliança com o socialismo, na obra comum – apaixonante aventura – da transformação do mundo”. (ARAÚJO: 1972/2000).

O poeta encara a necessidade de uma reforma social com base em valores católicos e expressa a concepção de uma poesia que não fosse uma quimera folclórica, mas uma manifestação de valores eternos. Diz o poeta objetivamente o seu pensar sobre esta questão:

É um protesto formidável contra a concepção burguesa da religião, é um tiro no efêmero, é uma volta ao transcendente, à compreensão antiqüíssima, e sempre nova, da poesia, é uma penetração do mistério, uma homenagem ao Cristo, portanto à Eternidade, sem par nas nossas letras poéticas. (MENDES:In **Lanternas verdes**:1936).

Percebe-se, na visão de mundo de Murilo Mendes, uma leitura cultíssima, complexa e, sobretudo, desapontada, pois sua percepção captava que os intelectuais católicos pouco faziam em relação a mudanças. Para o poeta prometeico, as idéias religiosas deveriam ter um domínio universal, mesmo sabendo que eram raros os leitores, os quais um ímpeto religioso não emocionasse, ainda que houvesse teologias e apologias por detrás dessas idéias religiosas.

Murilo, em sua poesia com teor religioso, usando um vocabulário, um tom, uma argumentação e um impulso refletidos revela uma poética fiel a seus princípios prometeicos.

Tanto nos exercícios espirituais, como nos devaneios, meditações e contemplações, Murilo observava a fusão de idéias, imagens e estilos, que criou um gênero único, uma essência religiosa que consistia em reconstruir o universo pelo simples poder do verbo e da visão, esta última originária do Surrealismo.

#### **4. DA INQUIETÇÃO INDIVIDUAL PARA A COLETIVA**

Segundo Francis Paulina, em seu livro **Murilo Mendes: Orfeu transubstanciado**, “Murilo Mendes viveu do mito, viveu o mito e enfim, tornou-se o próprio mito, em muitas de suas singulares andanças poéticas” (SILVA: 1999:85), pois que foi um homem essencialmente prometeico: a sua inquietação individual de transformar tudo, inclusive sua própria vida, tanto o queria que saiu do micro-universo chamado Juiz de Fora para o mundo ...

As “suas andanças poéticas” o fizeram absorver culturas, modas, estilos e todo um sistema de criação fosse nas artes plásticas, música, fosse na literatura. Sua inquietação, todavia, ia além do propósito de aprender, pois que desejava expor aquilo que aprendera, verbalizando nos poemas toda uma vida de observações, reflexões e sentimentos. Esse aprendizado, foi na verdade, uma “missão” para Murilo, uma vez que por meio de suas poesias desejava transformar consciências, despertando-as para a realidade objetiva do mundo, mas o fazia de forma bela, com uma polidez ímpar. Era capaz de descrever os horrores que a vida apresenta, como por exemplo o poema “1941” em **As metamorfoses**, cujo tema, a guerra, é abordado por vezes sutilmente por outras agressivamente.

A inquietação individual do poeta transforma-se para a coletividade a partir do momento em que Murilo escreve, tornando público aquilo que lhe vai na alma. Compartilha, assim, os problemas do mundo em caos, como podemos notar em “Estudo para um caos”:

O último anjo derramou seu cálice no ar.

Os sonhos caem na cabeça do homem,

As crianças são expelidas do ventre materno,

As estrelas despregam do firmamento.

Uma tocha enorme pegou fogo no fogo,  
A água dos rios e dos mares jorra cadáveres.  
Os vulcões  
Vomitam cometas em furor  
E as mil pernas da Grande dançarina  
Fazem cair sobre a Terra uma chuva de lodo.  
Rachou-se o teto do céu em quatro partes:  
Instintivamente eu me agarro ao abismo  
Procurei meu rosto, não o achei.  
Depois a treva foi ajuntada a própria treva.

(PCP: 1995:344)

Murilo reflete no texto o mundo que ele captava como um caos em vários aspectos: a morte que ronda todos os cantos, as decepções, a falta de esperança que paira no ar, */a água dos rios e dos mares jorra cadáveres/*. E num tom apocalíptico, o poeta descreve as desventuras do Homem desde seu nascimento até seu fim, */As crianças são expelidas do ventre materno/ Depois a treva foi ajuntada a própria treva/*. Aqui, o poeta expressa claramente a inquietação coletiva sobre a perda de dois fatores essenciais na existência humana: a esperança e a segurança, pois que */crianças são expelidas do ventre materno/*, o poeta mergulha no conceito psicológico mais estudado e mais conturbado na história da psicologia, o qual preceitua que a partir do momento em que o ser está no ventre materno ele se sente seguro por não estar aparentemente exposto, diferentemente de quando nasce – primeira exposição no mundo – e, por isso, o ser chora.... .

Em */as estrelas se despregam do firmamento/*, Murilo demonstra seu pensamento abrangente, retomando, num aparente verso simples, um símbolo universalmente conhecido, o

nascimento de Jesus, o Cristo, que foi anunciado por uma estrela – a de Belém – que é um símbolo bíblico de esperança para a humanidade, porém no momento em que ela se desprega do firmamento, deixa de ser uma bússola que guia os homens que buscam esperança de um porvir melhor.

O poema riquíssimo em reflexões profundas, mostra a necessidade do homem na busca de um porto seguro, já que vivendo no caos, vê suas expectativas aniquiladas e podemos perceber no verso */Instintivamente eu me agarro ao abismo/*. Com esse verso podemos indagar questões que são parte do indivíduo – Murilo Mendes – mas são parte do coletivo também. Questões como: Por que agarrar-se no abismo? Sendo um poeta criteriosamente religioso, perdeu ele a esperança por completo? Será que o mundo, bem como o Homem, tem condições de melhorar?

Diante dessas temáticas, constatamos que o Homem agarra-se inconscientemente ao nada – */ao abismo/* – de modo que por falta de fé, de algo que o conduza como ponto de partida e de uma chegada segura, é que o poema chega ao ápice representado na fusão do poeta (persona individual) com o coletivo, em que há a perda de identidade e torna-se parte do todo */procurei meu rosto, não o achei /*.

A reflexão aqui, não é uma possível hipótese, mas uma afirmação desesperada que expressa a agonia do coletivo, que precisa de um horizonte claro, possível e alcançável, que vai de encontro com a realidade constatada pelo poeta, na qual */Depois a treva foi ajuntada a própria treva/*, que é nada mais que a representação do fim, a morte, a última parada na estação da vida.

E é nesse sentido que Murilo Mendes trava sua luta constante: o receio da aproximação desse fim, o não gostar do que via e, por fim, o estado de impotência diante dos fatos que aparentemente eram imutáveis, mas que ele sabia serem perfeitamente mutáveis, bastando apenas

transformar as mentes. A luta em que o poeta tomou parte explicitava um acordo de paz íntima e para com os semelhantes; uma proposta de bem viver, para melhor amar.

As obras de literatura são o resultado da relação existente entre o homem e a sociedade, o homem e a vida. E Murilo Mendes expressou perfeitamente essa comunhão em sua obra poética, pois a interação entre o homem e o texto foi capaz de ultrapassar os limites do físico, do invisível e transcendeu ao sublime. Por isso, sua personalidade se tornou cósmica atravessando todo e qualquer “mundo”: ambientes, sociedades, artes, religiões.

## **5. A SATISFAÇÃO DECORRENTE DA PERSONALIDADE PROMETEICA ENGAJADA ALCANÇANDO O HOMEM TOTAL**

Os caminhos que Murilo Mendes percorreu em busca da totalidade, foram os mais diversificados e o tema de Prometeu foi, sem dúvida, um deles. Podemos constatar ao longo da obra muriliana a presença do mito explícita e implicitamente em vários de seus poemas. Mas um dado curioso também corrobora para tais afirmações: na biblioteca particular do poeta, hoje no Centro de Estudos Murilo Mendes, podem-se encontrar alguns exemplares de obras diversas, onde o tema de Prometeu era citado, como por exemplo, um livro de divulgação científica de origem russa, mas com tradução em espanhol, **Em los vastos espacios del universo**, no qual teve o grifo do poeta:

Uma folha verde, ou antes, um microscópico grão verde de clorofila, é o foco, o ponto do espaço universal para onde aflui, do outro extremo, a energia do sol e nele têm origem todas as manifestações



de vida na Terra. A planta é um intermediário entre o céu e a terra. É um autêntico *Prometeu* que roubou o fogo do céu. (TIJOV:s/d:100)

Importante observar que era a única parte marcada no livro e em especial o nome de Prometeu. Há outros textos, nos quais se repete o exemplo acima, mas pode-se concluir facilmente o interesse do poeta pelo tema. O poema “Natureza” com significação particular tanto em relação ao tema científico quanto ao mito, mostra o quanto a ocorrência é significativa abrangendo períodos diversos no decorrer da poética de Murilo Mendes.

Contempla estas montanhas lavadas  
E a luz que desce em oblíqua dança.  
Tudo chega de um mundo antiqüíssimo  
Onde encontraremos pedaços desajustados de fotografias:  
Recortes de pensamentos visuais.  
E um amor que não quer colaborar com a morte.  
- Vasto pássaro bicando montanhas lavadas.

(PCP: 1995: 337)

Importante observar primeiramente, que o poema faz parte de um determinado momento na vida do poeta, mais precisamente em 1942, no qual vivia uma atmosfera pesada por causa da Segunda Guerra Mundial e por causa da tuberculose. Atmosfera essa, que pode ser associada ao tema de Prometeu, principalmente porque o poeta mostra uma negatividade nas suas convicções, sempre tão afirmativas, mas agora problematizadas.

Apesar desses aspectos não aparecerem claramente no poema acima citado, percebe-se nitidamente alguns elementos do tema mítico, como: / montanhas/, /pedaços/, / pássaros/ e

/bicando/. Aqui, o poeta usa de palavras-chaves, as quais também estão presentes na história do mito; vejamos as associações feitas por Murilo Mendes: /montanhas/ representando o monte Cáucaso; / pedaços desajustados/ representando o mundo que, na história, estava fragmentado; / pássaro/ representando a águia – carrasco – que torturava incessantemente o titã e / bicando/ o ato em si que levava Prometeu ao martírio imposto por Zeus.

A questão primordial não é somente pesquisar e verificar a ocorrência mítica em Murilo, mas sim, a relação existente entre o mito e a busca do poeta pela totalidade, que de certa forma permite, também, uma discussão sobre a unicidade da obra do poeta – o que vem a ser um ponto extremamente delicado para os estudiosos de Murilo Mendes.

Renard Perez também comenta sobre o interesse do poeta pelo mito em questão, ao relatar um depoimento feito pelo próprio Murilo Mendes: “[...] Fazia poemas em prosa e peças de teatro sobre temas gregos e romanos. [...] Entre outros trabalhos, recordo de dois dramas – Nero e Prometeu.” (PEREZ:1964:245). Observa-se, portanto, que Prometeu fazia parte da vida literária do poeta.

A partir dessa breve introdução, buscou-se analisar mais detalhadamente alguns poemas, nos quais o tema mítico está explícito ou transfigurado, mas que pode, por meio de uma leitura no campo conotativo ou metalingüístico, tornar-se perceptível. Faz-se necessário esclarecer que toda e qualquer análise é uma tentativa de leitura, a qual pretende abrir caminhos para compreender tanto a obra quanto o poeta de modo mais abrangente e esclarecedor. E, por isso, não se pretende dar soluções ou dar por encerrada a questão em torno do assunto.

O poema “Noite de Junho” também escrito na mesma época de “Natureza”, retoma o mito, mas de forma transfigurada e envolve uma questão fundamental para o poeta: a referência a

sua mãe e sua condição de órfão – um dado biográfico – expresso no primeiro verso da segunda estrofe:

### A NOITE DE JUNHO

Soluço abafando

As campainhas da febre.

Bem cedo me fiz órfão

Para que todos possam bicar meu coração

E o coqueiro dê violetas.

Informe parte de um deus

Quem me ouvirá?

Vem do ar minúsculo

Vem da irregular musa distraída

Vem do massacre reféns inocentes

Este desejo de subsistir no desconhecido:

Pausa do silêncio

Até que as luzes subterrâneas

Consintam em criar forma.

Ninguém me viu até hoje,

Adeus Maria.

(PCP: 1995:383)

O verso */Para que todos possam bicar meu coração/* remonta à idéia do martírio mítico: a águia que bicava o fígado do titã. E */E o coqueiro dê violetas/* mostra a capacidade do poeta de produzir o “impossível”, como quem possui um poder criador (deuses) mítico (sobrenatural) sobre a poesia (criatura), poder este expresso no primeiro verso da terceira estrofe */Informe parte de um deus/*.

A partir do verso *Nem do massacre reféns inocentes/* o poema passa a descortinar nuances da presença do mito e a ligação subjetiva com o poeta. O verso em questão refere-se aos homens – protegidos de Prometeu bem como de Murilo Mendes – como */reféns inocentes/*. Ora, tanto para um como para outro, o Homem é visto como refém da sociedade que detém o poder, dos que subjuguem aqueles que não podem contestar ou por não terem forças ou, ainda, por não terem argumentação suficientes – a questão do conhecimento.

Outro aspecto interessante a ser considerado são os dois sentidos que o tema de Prometeu alcançou na literatura: no primeiro, o mito é um herói associado à civilização, ao trabalho e ao progresso; no segundo, ele representa a liberdade do homem em relação ao poder divino.

Ora, Murilo Mendes desejava que o Homem fosse total a partir da reflexão lógica, de modo que pudesse ter a liberdade e ação. Além disso, a associação do passado com o presente era comum nas poesias murilianas, pois assim se construiria um futuro melhor. Até aqui, não há nenhuma surpresa, mas o que surpreende é um poeta como Murilo, de inquietações religiosas, escrever sobre uma temática que prega o permanente esforço humano sem qualquer apoio ou intervenção das divindades.

Facilmente podem-se esclarecer essas aparentes contradições do pensar religioso do poeta e a absorção do mito. É necessário, porém, que se leiam as poesias de Murilo Mendes com mais acuidade como já foi esclarecido anteriormente e, isto implica em não ler somente a letra fria

sobre o papel, pois que as poesias murilianas requerem uma leitura mais fluida do que se pode supor. Portanto, voltando à questão central deste tópico, é perfeitamente possível a fé religiosa e a não-aceitação das intervenções das divindades, mas o essencial permanece – a rebelião orgulhosa em nome de uma busca: a de conhecer. Conhecer a si, o outro, enfim, tudo o que fosse possível. Esse último aspecto é vinculado ao tempo, ponto marcante na obra de Murilo, uma vez que sempre teve função dupla: construir/destruir. O tempo é testemunha da resistência, da renovação ou da devastação das coisas e pessoas.

É significativa essa diversificação de caminhos que o poeta traça durante a sua trajetória política em busca de totalidade, de modo que um núcleo de imagens possa levar o leitor ao engodo em relação aos objetivos concretos do poeta.

Murilo Mendes, como um poeta de características de transfiguração, criou, por meio do tema de Prometeu – um aspecto intrinsecamente posicionado na obra – uma atmosfera pesadosa e problematizante, em que estão vinculados ao tema: uma busca (negativa) de valores morais ditos como rebeldes por serem contra a ordem estabelecida e, um limite (punição) que se refere à passagem do tempo propriamente dito.

Observa-se, pois, até o momento, que o tema de Prometeu foi mais do que uma influência clássica na obra muriliana, mas inspiração para unicidade do poeta, que busca uma afirmação de vida e necessita abstrair as referências espaço-temporais, buscando um “essencialismo” – nos termos de Ismael Nery. Assim, o mito de Prometeu vinculou-se ao desejo de totalidade do homem-poeta, que o fez ver a poesia como uma *ars* combinatória, ou seja, a poesia tem que apreender a totalidade.

Dessa forma, a operação poética é um ato de criar, o qual se transformou para Murilo Mendes, em um trabalho com fins éticos, uma vez que queria ampliar as consciências, a fim de

que o homem pudesse ser “melhor” em várias perspectivas. Mas, tal intento sempre enfrentou poderoso obstáculo: o tempo. Este ao contrário do que foi para o titã Prometeu, para Murilo (simples mortal na realidade) era cruel e implacável.

Para compreender melhor a busca da totalidade em Murilo Mendes, é preciso retomar os aspectos religiosos, pois a união dos planos sagrado e profano, o visível e o invisível e a fusão dos tempos, adquire dimensões outras que se sintetizam na idéia da “vocação transcendente”. (MOURA: 1995:130)

## CONCLUSÃO

Murilo Mendes é um poeta de personalidade. Alguém que foi capaz de tocar em temas delicados com sutileza e, sobretudo, naturalidade.

As posições tomadas pelo poeta diante de seu tempo, assim como sua relação com a cultura, as artes e o saber, enfim, como o mundo, estão vivas nas linhas de seus poemas, pois que Murilo não abandonou um só instante suas convicções e ideais, mesmo que isso tenha lhe custado o “esquecimento” na vida literária nacional por longo tempo.

Murilo foi, como ele mesmo se definiu, “contemporâneo de si mesmo” e não um “sobrevivente”, porque sabia que se bastava e, que era o todo no tudo que havia em si mesmo e, por isso, poderia sofrer a passagem do tempo e da vida, pois que nada o demovia de sua “Poesia Liberdade”, que o libertava das correntes mediócras dos modelos e escolas literárias e que, sem dúvida, liberta hoje ainda, àqueles que buscam o novo e o que não se pode traduzir com simples palavras.

Foi nos poemas de cunho religioso que o poeta teve sua expressão máxima, fazendo-nos refletir em vários pontos pessoais e sociais antes despercebidos ou simplesmente não abordados pelos poetas.

Particularmente, pode-se chegar a conclusões racionais e maduras, nas quais aprendeu-se a lidar com as inquietações, ampliando-se os horizontes.

Foi, sem dúvida, uma grande descoberta e enorme prazer trabalhar no resgate das poesias de alguém como Murilo Mendes, um ser com tanta espiritualidade e presença penetrantes, pois que seus poemas são de valor inestimável para toda a sociedade, porque traz no seu bojo uma mensagem de renovação, de alerta e de integração com as leis de Deus: Homem e Universo em perfeita comunhão, para que o mundo seja perfeito e o homem um ser melhor, assim como Prometeu desejava: um Ser capaz, conhecedor das verdades que o cercava, a fim de que pudesse ter maior controle sobre si e sobre o destino. Verdades estas, que o Homem desconhecia e, por isso ficava sujeito a tudo ou qualquer um que detivesse de maiores conhecimentos.

Há um imenso pesar por Murilo ainda não ter sido descoberto pela juventude estudantil brasileira e por muitos professores de literatura, que têm um dos maiores poetas de nossa literatura, visto que Murilo não foi só o poeta de Minas ou da Europa culta e elitista, mas sim, no hoje e no agora, o poeta do questionamento da vida, o porta-voz daqueles que buscam como ele buscava aos anseios à liberdade, ao sentido maior na própria existência: o que somos e até onde podemos ir a partir do ponto em que nos encontramos?

Murilo tinha a personalidade prometeica não se pode duvidar: suas atitudes de libertação, de reflexão, do conhecer e, sobretudo, da subversão da realidade – a qual não estava satisfeito – fazia com que se identificasse cada vez mais com o mito, como pode-se verificar foi, também, um ponto de interesse e de estudo e porque não uma fonte inspiradora?

Certamente que o poeta não nos deu respostas seguras, mas nos legou diretrizes para percorrermos, a fim de que possamos encontrar as respostas. O seu legado foi uma poesia inteligente, tenaz e por vezes dura por ser tão realista, mas sempre elegante e refinada. O que difere Murilo Mendes dos homens comuns, porque ensinava com sabedoria, oferecendo instrumentos para que o Homem pudesse trabalhar suas imperfeições e, mais uma vez, o poeta se iguala ao mito, porque Prometeu também ofereceu a seu modo meios de conhecimento e sabedoria bem como a postura de rebelar-se contra o *inaceitável*, a injustiça, o poder opressor enfim, tudo aquilo que fosse contra o bem coletivo.

Tem-se o pensamento de que todos os esforços para demonstrar a personalidade prometeica de Murilo Mendes foram bem sucedidos, porque pode-se comprovar nossos objetivos não somente por meio das poesias, nem pelos objetivos que o poeta almejava, mas principalmente pelo seu histórico pessoal, isto é, pela sua própria personalidade, que explica toda a sua veia prometeica.

Pretende-se concluir esse trabalho de pesquisa com uma visão poética de Murilo que faz lembrar um ditado árabe muito antigo: “O mundo é de Deus e ele empresta aos homens”, uns maus, outros para nosso bem, como Murilo, “um poeta católico, apostólico, romano”, brasileiro, mineiro, do ontem, do hoje, do amanhã e de sempre...

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Preparação do texto e notas de

Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

\_\_\_\_\_. Epigramas. **Revista Acadêmica**, n.13, ago de 1935.



\_\_\_\_\_. O eterno nas letras brasileiras modernas. **Lanternas verdes**, [s/l], 1936, v. 4.

ARAÚJO, Laís C. de. **Murilo Mendes**: ensaio crítico, antologia, correspondência. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BARBOSA, Leila M. Fonseca & RODRIGUES, Marisa T. Pereira. **A trama poética de Murilo Mendes**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, J. Aderaldo (orgs.) A poesia e o nosso tempo. In... **Presença da literatura brasileira III**. São Paulo: DIFEL, 1967, p. 180.

PEREZ, Renard. Murilo Mendes. In... **Escritores brasileiros contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SILVA, Francis Paulina L. da. **Murilo Mendes**: Orfeu transubstanciado. Viçosa: UFV, 2000.

\_\_\_\_\_. Murilo Mendes e o mito do eterno retorno. **Verbo de Minas**, n.3, v.2, p.85, 1999 (Letras).

BRUÑEL, Pierre **O que é literatura comparada?** Trad. Célia Berrenttini. São Paulo: Perspectiva / Editora da Universidade de São Paulo/ Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1990, (Coleção Estudos), vol. literatura.

CÂNDIDO, Antônio. **A revolução de 1930 e a cultura**. São Paulo: EDUSP, 1987.

TIJOV, G. **En los vastos espacios del universo**. Moscou: Pograma, [s/d].